

ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DE DICIONÁRIOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jessica Camara Siqueira¹

RESUMO

As obras lexicográficas acompanham o desenvolvimento humano tanto num nível técnico-científico como sociocultural. No caso dos dicionários, a heterogeneidade de objetivos, funções e de público-alvo são responsáveis por caracterizar sua natureza. Na Ciência da Informação, analisa-se dois dicionários da área: o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2009) e o *ODLIS: Online Dictionary for Library and Information Science* (2010), com intuito de refletir sobre seus aspectos positivos e negativos. O trabalho justifica-se por duas razões: primeiro pela carência de estudos lexicográficos na área, e segundo pelo problema recorrente da inarticulada sistematização dos dicionários técnicos. A base teórica é fundamentada na análise lexicográfica de Rey-Debove (1971) que divide a organização do dicionário em macroestrutura (entradas ou verbetes), e a microestrutura (definições); e a vertente de Günther Haensch (1982), que acrescenta a análise dos aspectos pré e pós-textuais. Para concluir, verifica-se que cada dicionário, em sua cobertura e abrangência tem um papel importante na área da Ciência da Informação, contribuindo tanto nas pesquisas de especialistas como no cotidiano de profissionais da área. Contudo, alguns aspectos de sua estrutura e organização poderiam ser repensados à luz das necessidades desses mesmos usuários, incorporando preceitos dos estudos lexicográficos, ainda pouco difundidos na Ciência da Informação.

PALAVRAS-CHAVE

Lexicografia; Ciência da informação; Dicionários

¹ Mestranda em Ciência da Informação- USP. Especialização em Arquivos-IEB-USP(2009). Graduação em Biblioteconomia-USP(2009). Graduação em Letras- UNIMAR(2003). E-mail: jessica.camara@yahoo.com.br.

**LEXICOGRAPHIC ANALYSIS OF DICTIONARIES OF INFORMATION
SCIENCE**

ABSTRACT

Lexicographical works accompany human development both in a technical-scientific and cultural. In the case of dictionaries, the heterogeneity of goals, tasks and target audience are responsible for characterizing its nature. In information science, we analyze two dictionaries in the field: the Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2009) and ODLIS: Online Dictionary for Library and Information Science (2010), aiming to reflect on their positives and negatives. The work is justified for two reasons: first by the lack of lexicographical studies in the area, and second by the recurrent problem of inarticulate systematization of technical dictionaries. The theory is based on the analysis of lexical Debove-Rey (1971) that divides the organization of the macrostructure in dictionary entries (or entries), and the microstructure (definitions) and the slope of Günther Haensch (1982), adding the analysis of the pre-and post-textuais. Para conclusion, it appears that every dictionary, in its coverage and scope has an important role in the field of information science, contributing both in research as experts in the everyday professionals. However, some aspects of its structure and organization could be rethought in light of the needs of those users, incorporating the precepts of lexicographical studies, yet little widespread in Information Science.

KEYWORDS

Lexicography; Science information; Dictionary

ANÁLISIS LEXICOGRÁFICO DE LOS DICCIONARIOS DE CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN

RESUMÉN

Obras lexicográficas acompañan el desarrollo humano tanto en un nivel técnico-científico como cultural. En el caso de los diccionarios, la heterogeneidad de los objetivos, tareas y el público destinatario son los responsables de caracterizar su naturaleza. En Ciencias de la Información, se analizan dos diccionarios especializados en el campo: el Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2009) y Online Dictionary for Library and Information Science (2010), con el objetivo de reflexionar sobre sus aspectos positivos y negativos. El trabajo se justifica por dos razones: en primer lugar por la falta de estudios lexicográficos en la área, y el segundo por el problema recurrente de inarticulada sistematización de los diccionarios técnicos. La teoría se basa en el análisis del léxico Debove-Rey (1971) que divide la organización en la macro-estructura (o entradas), y la microestructura (definiciones) y la pendiente de Günther Haensch (1982), añadiendo el análisis de la pre-y post-textuais. Para conclusión, parece que los dos diccionarios, en su cobertura y alcance tienen un papel importante en el ámbito de la Ciencia de la Información, contribuyendo tanto en investigación como expertos en los profesionales todos los días. Sin embargo, algunos aspectos de su estructura y organización podrían ser reconsiderados a la luz de las necesidades de los usuarios, incorporando los preceptos de los estudios lexicográficos, aún poco extendida en Ciencias de la Información.

PALABRAS CLAVE

Lexicografía; Ciencias de la información; Dicionário

INTRODUÇÃO

O papel desempenhado pelo léxico na organização e estruturação do conhecimento é antigo, já que o simples fato dos primórdios da humanidade denominarem seres e objetos, organizando-os em classes e categorias demonstrava as primeiras tentativas de compreensão de mundo. Na Antiguidade, por exemplo, cerca de três milênios antes de Cristo, com babilônicos e outros povos da Mesopotâmia, surgiram as primeiras listas bilíngues com palavras referentes às práticas mercantis da época, organizadas a partir de campos semânticos. Não tinham propriamente os traços semânticos e etimológicos dos dicionários gregos da era Cristã, mas já podiam ser considerados como as primeiras obras lexicográficas (FARIA, 2007).

A palavra dicionário origina-se do latim medieval *dictionarius*, significando coleção de palavras. Na Idade Média houve uma intensa atividade lexicográfica, principalmente motivada pela ascensão das línguas à categoria de vernáculos, o que acarretou à prática de elaboração de listas temáticas de palavras e explicadas por meio de glosas. Estas glosas, organizadas, tanto de forma alfabética como sistemática originaram os glossários, primeiramente usados no âmbito acadêmico, como instrumentos de consulta para a interpretação de textos em latim e grego e depois expandidos, considerados como base para a elaboração de dicionários (NUNES, 2006).

Na Idade Moderna, com a influência científico-cultural do Renascimento e reorganização geopolítica das nações europeias, levando a uma conseqüente preocupação com a unidade linguística, ocorreu uma verdadeira expansão da prática lexicográfica. Primeiro com as enciclopédias, da pioneira de Diderot e D'Alembert a popular Enciclopédia Britânica; e depois com a proliferação dos dicionários. Destacam-se nesse período os dicionários bilíngues, a exemplo do dicionário castelhano- latim *Universal Vocabulario*, de Alonso Palencia (1490); e depois os dicionários monolíngues que passaram a ser denominados de “tesouro”, como o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola e o *Diccionario da Academia Francesa*.

O avanço técnico-científico dos séculos posteriores contribuiu com a proliferação de outros tipos de dicionários, como os plurilíngues e os dicionários técnicos ou especializados. No século XIX, influenciados pelo surgimento da Linguística Histórica, foram elaborados importantes dicionários históricos e etimológicos, o que contribuiu posteriormente para o desenvolvimento de outras tipologias como a dos dicionários de línguas regionais, ameríndias e de campos especializados do saber, que se ramificavam e se consolidavam como disciplinas científicas na época (FARIA, 2007).

No estudo do léxico destacam-se principalmente duas ciências, a Lexicologia e a Lexicografia. Segundo Biderman (2001) a primeira tem como objeto de estudo a palavra, preocupando-se com a estruturação do léxico e sua categorização, ocupando-se assim também da dimensão significativa, o que aproximaria a Lexicologia da Semântica. Já a Lexicografia seria propriamente a “ciência dos dicionários”, que mesmo tendo suas raízes remotas, só conseguiu efetivo *status* científico e autonomia no século XX.

No século XX houve um acelerado desenvolvimento da produção de obras lexicográficas. No Brasil, mesmo com os primeiros dicionários em língua portuguesa, datados do século XVIII, com destaque para as obras de Bluteau e Moraes e Silva, percebe-se que os estudos lexicais só ganharam efetivamente um *status* científico após a segunda metade do século XX, principalmente a partir dos trabalhos de Biderman e Alves.

A Lexicografia hoje ganha cada vez mais espaço, tanto para os linguistas, que a redescobrem a partir do viés científico, como para outras áreas, que utilizam a teoria lexical e seus critérios científicos para melhor consolidarem seus domínios. No âmbito deste trabalho utilizaremos o aporte teórico e metodológico da Lexicografia com o intuito de analisar dois dicionários da área de especialidade da Ciência da Informação, o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Cavalcanti e o *ODLIS: Online Dictionary for Library and Information Science* criado por Joan M. Reitz e equipe. O intuito dessa análise lexicográfica é refletir sobre os aspectos positivos e negativos das duas obras, consideradas de referência para área, podendo até posteriormente contribuir com a elaboração de outras obras lexicográficas.

Um trabalho dessa natureza justifica-se principalmente por duas razões: primeiro pela carência de estudos lexicográficos na área da Ciência da Informação, e segundo pelo problema recorrente da inarticulada sistematização dos dicionários técnicos. Quanto à carência de estudos, podemos pensar que pode ser tanto em decorrência do fato do domínio da Ciência da Informação ainda estar se constituindo como área de especialidade, ou o próprio desconhecimento das potencialidades dos estudos lexicográficos para a área. Já o problema da sistematização, não é privilégio da Ciência da Informação, pois é comum encontrar, mesmo em dicionários de língua bem conceituados, imprecisões na seleção de *corpus* ou mesmo falta de homogeneidade no estabelecimento de critérios na organização e classificação das palavras.

Como os dicionários escolhidos para análise estão voltados a uma área de especialidade, é relevante antes de começarmos, destacar alguns aspectos importantes a serem considerados na elaboração dessas obras. O primeiro aspecto diz respeito à composição da equipe responsável, que mesmo se tratando de uma área determinada, não deve restringir-se aos especialistas de uma única linha de pesquisa. Ao contrário, deve procurar compor a equipe seguindo os princípios interdisciplinares da própria Ciência da Informação, incorporando profissionais pluridiversos.

Outro aspecto relacionado ao primeiro é a questão ideológica. O fato de ter uma equipe mais diversa dificulta o enraizamento de posições, mas não o extingue. É difícil imaginar uma obra, principalmente numa área de especialidade, que não esteja influenciada de alguma forma pelas linhas de pesquisa ou mesmo os posicionamentos de seus mentores. Todavia é preciso lembrar que como obra de referência é aconselhável que tenha como atributo a neutralidade. Para isso, na composição da definição, os enunciados devem deixar a cargo do leitor o papel de validação de uma ou outra acepção, e não já trazerem em seu bojo resquícios das predileções dos autores.

Por fim, outro aspecto que também será lembrado aqui, principalmente na análise da segunda obra é a questão de como o formato facilita ou não o acesso do usuário. No dicionário impresso, por exemplo, a quantidade de verbetes, a escolha da fonte e tamanho, e tipo de papel são os principais elementos a serem considerados pelo usuário. Porém, no âmbito digital, devem ser

lembradas as questões de usabilidade, já que num formato mais dinâmico e interativo, há outras questões e situações de uso a serem consideradas.

Pressupostos teóricos para análise lexicográfica

As obras lexicográficas acompanham o desenvolvimento humano tanto num nível técnico-científico como sociocultural. Todavia, sua heterogeneidade de objetivos, funções e público-alvo dificultam a formulação de uma definição satisfatória de seu escopo. Por isso, ao invés de salientarmos aqui uma única definição do que seria um dicionário, optou-se seguir a perspectiva sugerida por Campos Souto e Pérez Pascual (2003) que preferem apontar as características essenciais dessa obra lexicográfica ao invés de sintetizá-la superficialmente com uma definição.

As duas principais propriedades, consideradas como consensuais para a maioria dos autores são: a orientação prática, voltada à consulta; e a finalidade didática. Ambas para funcionarem de modo satisfatório devem considerar os diferentes objetivos do dicionário, as necessidades dos usuários, o formato e seu suporte. O dicionário assim pode ser encarado como um produto de uma cultura escrita, funcionando como o testemunho de uma determinada comunidade (AHUMADA LARA, 1989). Dessa forma, um dos objetivos do dicionário seria funcionar como um instrumento cultural, detentor de um projeto didático. Além disso, ainda poderia ser encarado como um conjunto documental sistematizado, ou ainda um produto técnico-comercial.

Outro aspecto a ser lembrado é destacar as diferenças do dicionário com outras obras lexicográficas. Tanto glossários como vocabulários muitas vezes são colocados como sinônimos de dicionários, porém são obras lexicográficas distintas, com funções e propriedades singulares. O glossário, por exemplo, originário do termo “glosar”, tem a função de explicar um termo em um texto ou obra, sendo, portanto de caráter mais restritivo. O vocabulário por sua vez, mais amplo que o glossário, todavia menos abrangente que o dicionário, seria uma obra intermediária, um catálogo de acepções de palavras pertencentes a um determinado campo semântico (ISQUIERDO; ALVES, 2007).

Ainda pode-se acrescentar a essa lista de “falsos sinônimos” as enciclopédias, que mesmo coincidindo com os dicionários quanto à finalidade pedagógica e até certo ponto o aspecto formal, apresentação alfabética ou temática, possuem traços distintivos. Ao contrário do dicionário que incorpora as palavras como signos linguísticos integrados numa rede de relações, a enciclopédia de caráter mais generalizante, não incorpora informações linguísticas ou de natureza explicativa como os exemplos nos dicionários. A enciclopédia lista seus verbetes, geralmente de natureza nominal, com intuito de servirem como “portas de entrada”, sintetizando assim uma perspectiva a fim de transmitir uma cosmovisão social (CAMPOS SOUTO; PEREZ PASCUAL, 2003).

Estruturalmente, os dicionários podem ser organizados em três grandes correntes. A primeira tem como principal autor Rey-Debove (1971) que divide a organização do dicionário em duas partes, a macroestrutura, que corresponde às entradas ou verbetes, e a microestrutura, que traz as definições dos verbetes. Seguindo essa linha, mas com uma perspectiva um pouco mais ampla há uma segunda corrente, representada por Günther Haensch (1982), que também fala de uma macro e uma micro estrutura, porém incorpora no que entende como macroestrutura as partes que antecedem as entradas, tais como o prólogo, introdução, prefácio, enfim, a parte pré-textual, que para ele é importante por trazer em seu bojo critérios de seleção e sistematização do dicionário. E por fim uma terceira corrente iniciada por Hausemann e Wiegand (1989) e continuadas por Werner (1997) e outros, que fala de cinco pontos de vista para descrever o dicionário: a hiperestrutura (parte pré-textual, guias de usos e apêndices); a macroestrutura (entradas); microestrutura (definições); iconoestrutura (imagens e ilustrações que acompanham as definições) e as estruturas de acesso (índices).

Associados à estrutura organizacional comentada acima, há alguns princípios que norteiam a caracterização de um dicionário, são eles: a ordenação (semasiológica ou onomasiológica); o número de línguas (monolíngue, bilíngue ou plurilíngue); a perspectiva temporal (visão sincrônica ou diacrônica); o tipo de compilação do material registrado(caráter exaustivo ou representativo); a extensão (conciso, manual, de bolso) e o suporte (papel ou eletrônico). Além desses principais, existem ainda os aspectos relacionados diretamente aos usuários, como a questão da natureza pedagógica, que determina faixa etária e nível de escolaridade do público-alvo, ou mesmo a

densidade da microestrutura, também voltada a uma demanda concreta de usuários(CAMPOS SOUTO; PEREZ PASCUAL, 2003).

No âmbito deste trabalho, além dos princípios mencionados acima foram incorporados para análise os aspectos apresentados por Castillo Carballo (2003) para a macroestrutura e por Medina Guerra (2003) para a microestrutura. Na macroestrutura foram observados os critérios de seleção das entradas (frequência de uso, categoria gramatical, aspectos morfossintáticos) característicos da corrente de Rey-Debove (1971). Mas também foram observados os aspectos pré-textuais da introdução, como sugere Günther Haensch (1982), que incorpora a funcionalidade e os objetivos do dicionário. E na microestrutura focalizou-se a natureza das acepções (ordem de aparecimento, etimologia, relações semânticas, marcas e exemplos) e a tipologia das definições, quanto à natureza da metalinguagem (próprias ou impróprias) ou quanto à natureza do definido (enciclopédico, explicativo, ostensivo).

ANÁLISE LEXICOGRÁFICA DOS DICIONÁRIOS

Análise lexicográfica do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia

Introdução

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia de Cunha e Cavalcanti foi publicado em 2009, mas o histórico dessa obra tem início no final dos anos 80. Nessa época os autores reuniram-se semanalmente para a coleta de entradas, revisão de definições e discutir sobre as dúvidas referentes ao uso desses vocábulos na prática profissional. Todavia em 1995, a autora Cordélia Cavalcanti por problemas de saúde teve que se afastar do projeto, deixando sua dianteira a cargo do professor Murilo Bastos, que mesmo com o apoio de uma equipe só conseguiu finalizar o projeto e publicar o dicionário em 2009.

No plano inicial do dicionário, Cunha ressalta que estavam presentes vocábulos biográficos de autores da área da Ciência da Informação e áreas correlatas. Porém, a dificuldade de coleta desses dados, devido à carência de materiais de referência na literatura brasileira, e as questões de viabilidade editorial, principalmente quanto à dimensão da obra, foram fatores que impediram a inclusão desses verbetes na obra final. Outra característica projetada e também excluída por

questões editoriais foram os equivalentes dos verbetes em francês e espanhol, optando-se na versão final apenas pela correspondência em inglês.

Com as ressalvas apontadas acima, Bastos apresenta o dicionário de forma objetiva, mas consistente, expondo as principais características do dicionário na introdução. Nela, defende o papel terminológico no desenvolvimento técnico-científico de uma área para garantir uniformidade e clareza. E quanto ao trabalho lexicográfico, ressalta que é contínuo, já que como as línguas estão em constante desenvolvimento, os materiais lexicográficos devem acompanhar tais mudanças, além de que no contexto pluridiverso atual não há como fiar-se em apenas um dicionário como material exaustivo.

Mesmo de caráter representativo, segundo o autor, o dicionário conta com mais de 4000 verbetes, tanto da área da Ciência da Informação, foco principal da obra, como áreas afins, tais como: Editoração, Artes Gráficas, Informática, Comunicação Social e Comunicação Científica. Assim, notamos que mesmo tendo como público-alvo principal profissionais e especialistas da área da Ciência da Informação, também abrange potencialmente outros profissionais.

A obra está dividida em duas partes: a primeira em que estão os verbetes em português com seus respectivos equivalentes em inglês e a definição; e a segunda parte com as entradas em inglês remetendo a um termo preferencial em português. A seleção do *corpus* para a elaboração do dicionário é bem diversificada, constituída tanto por obras de cunho técnico-científico, como por fontes lexicográficas e materiais de caráter prescritivo. As fontes de referência usadas na extração do corpus são apresentadas após a introdução, e seguidas de suas respectivas abreviaturas ou siglas que aparecem no corpo das definições dos verbetes.

Análise da macro e microestrutura

No âmbito da macroestrutura, o principal critério para inclusão de um vocábulo foi a frequência de uso, observado pelos autores ao longo de seu exercício profissional e com o auxílio de uma extensa bibliografia técnico-científica, lexicográfica e prescritiva apresentada após a definição em formato de abreviação e sigla. Além dessa utilização, podemos verificar que as siglas também podem aparecer como entradas. Tal opção, segundo Bastos, ocorre no caso em que o nome

por extenso é raramente utilizado, situação comum na área da Ciência da Informação, principalmente por influência da Informática.

As entradas são ordenadas pelo critério semasiológico em ordem alfabética e também podem ser encontradas no final num índice em inglês², que remete a termos equivalentes em português, eleitos como preferenciais (descritores). Há também o caso de verbetes que só aparecem em inglês, visto que ainda não possuem um equivalente em português. Nesse caso são repetidos no índice final, tendo às vezes a inclusão de um quase sinônimo em português.

A escolha do vocábulo que constará na entrada do verbete, no caso de mais de uma palavra é preferencialmente feita elegendo-se o termo principal, geralmente de caráter nominal ou verbal. No caso de “saída de dados”, por exemplo, a entrada é feita por “saída”, assim ao observarmos o restante da definição teremos os diferentes tipos de saída (“externa”; “de comunicação”, “comercial”, etc.). Por questão de espaço o vocábulo é escrito por extenso no início, e depois abreviado com a primeira letra e ponto, seguido do qualificador e definição correspondente.

Quanto à microestrutura, podemos notar que há uma ordem de elementos na apresentação de sua definição. Primeiro aparece a entrada destacada em negrito, seguida de seu equivalente em inglês e se tiver, seu sinônimo. Em seguida aparece um ou mais domínio de especialidade, dependendo do termo, seguido da respectiva definição, apresentada entre aspas e com abreviação de sua referência. No caso de acepções tiradas de citações diretas aparecem entre aspas e indicando a referência, enquanto aquelas formuladas pelos autores do dicionário aparecem sem aspas ou indicação bibliográfica. No caso de diferentes acepções, são separadas primeiro por subárea ou domínio, identificados em itálico; depois subdivididos em notações, demarcadas com números em negrito, e ainda podem aparecer remissivas indicadas por setas, geralmente no final de definição.

As remissivas ressaltam o caráter relacional do dicionário, bem aproveitado aqui pelos autores que distinguem dois tipos de remissões: a de caráter sinonímico, identificada pelo vocábulo “ver” e representada por uma flecha unidirecional; e de caráter associativo, identificado pelo vocábulo “ver também”, representado por uma flecha bidirecional. No primeiro caso podemos citar o exemplo no verbete “documento”, que apresenta uma extensa lista de definições, e dentre elas

² A escolha dos termos em inglês segue a ortografia norte-americana (nota de Cunha, 2009).

uma relacionada ao domínio da Arquivologia e que fala de “documento de primeira idade”, expressão seguida da remissiva “ver arquivo corrente”, vocábulo sinonímico que pode ser encontrado também como um verbete. Já no caso do “ver também”, tomamos como exemplo o verbete “wikipédia”, que apenas no término de sua definição, mais como um caráter complementar, indica “wiki” como um termo relacionado, que também é uma entrada, porém que estabelece uma relação de conexão temática com o primeiro termo e não de equivalência.

Outro detalhe importante na organização da definição é quanto ao uso de abreviações e siglas. As abreviações são utilizadas principalmente para identificar as obras de referência, que por questão de espaço são sintetizadas apenas por 2 a 4 letras, seguidas do número da página, e se tiverem mais de uma obra do autor, inclui-se o ano. No início da obra há uma lista com todas as obras de referência e sua respectiva representação em formato sintético, padronizado para todas as suas aparições no decorrer do dicionário. Além disso, outras abreviaturas e siglas servem para sintetizar os nomes de instituições, localidades, áreas de especialidade e até categoria gramatical (no caso de verbos), a fim de economizar o espaço.

Quanto à definição há uma preponderância do viés sincrônico, porém há alguns termos que os autores preferem apresentar algumas acepções mais antigas, com o intuito do usuário compreender a evolução do significado. Isso geralmente ocorre com termos que apresentam uma vasta bibliografia, estando em diferentes sub-domínios, como é o caso do termo “documento”; ou que sua definição não é consenso entre maioria dos especialistas, como no caso do termo “informação”. Todavia, mesmo recuperando alguns textos mais remotos no caso de alguns verbetes, nota-se que não há uma preocupação etimológica, o foco principal da definição é funcional. Dessa forma, nota-se que grande parte das definições seguem a perspectiva dedutiva, muitas vezes demarcada pelas relações de gênero-espécie. Como exemplo podemos citar o termo “documentalista”, que traz como definição genérica “profissional da informação especializado em determinada área do conhecimento (...)” e específica “bibliotecário, arquivista (...)” (BASTOS; CAVALCANTI, 2009, p.132).

Podemos ainda encontrar nas definições algumas marcas de natureza diatécnica, diatópica, e diacrônica. As primeiras são principalmente encontradas em verbetes da área de Informática ou que pertence a mais de um domínio, e exemplo do termo “*wireless*” da Informática, mas presente em outras áreas como Telecomunicações e Ciência da Informação. Quanto às marcas diatópicas, podemos observá-las principalmente distinguindo o uso de palavras do português do Brasil e de Portugal, representadas entre parênteses e em itálico no corpo da definição, a exemplo do termo “slides” incorporados no português do Brasil, e “diapositivos” em Portugal. E as sobre as marcas diacrônicas, como já foi mencionado anteriormente, há uma preocupação dos autores em trazer acepções mais antigas para melhor compreensão do escopo do verbete.

Sobre a tipologia das acepções podemos considerar dois aspectos: a natureza da metalinguagem e a natureza daquilo que é definido. Quanto à metalinguagem, observa-se o predomínio das definições próprias de caráter hiperonímico, como já foi comentado anteriormente, tendo algumas inclusões sinonímicas e parasinonímicas antes da definição principal, e também em alguns casos o aparecimento do antônimo, geralmente localizado no final da definição antecedido pela abreviação “Ant.”. Já sob o aspecto da natureza do que é definido, podemos encontrar tanto definições de caráter mais explicativo, demarcadas pelo viés pragmático da obra, como definições enciclopédicas, no caso de verbetes que incorporam fatos históricos. No primeiro caso, temos como exemplo o verbete “*wikipédia*”: “*enciclopédia disponível na internet, que usa programa colaborativo na criação, manutenção e atualização dos verbetes*”; e no segundo caso, o verbete “*Xanadu*”: “*sistema de hipertexto desenvolvido por Ted Nelson em 1965(...)O projeto não saiu do papel mas suas ideias influíram no desenvolvimento dos sistemas hipertextuais(...)*”(CUNHA; CAVALCANTI, 2009, p. 381).

Para finalizar a análise da microestrutura, ainda podemos destacar dois elementos: os exemplos e os neologismos. Os exemplos, não aparecem em todos os verbetes, só são utilizados com a finalidade de esclarecer algumas noções, principalmente as da área de Informática. No caso do verbete documento, por exemplo, há em uma das acepções uma menção ao protocolo z39.50, que também é verbete no dicionário, mas que é colocado na definição para especificar um “documento de negociação”. Para que tal inserção fosse esclarecida ao usuário, os autores optaram por colocar entre parênteses um exemplo prático da utilização desse tipo de documento associado

ao protocolo em questão. E a respeito dos neologismos, notamos ainda mais raras as aparições no dicionário. Também estão vinculados aos termos da área de Informática, e remetem a alguma explicação para sua origem, a exemplo do termo “*webonomics*”, considerado neologismo pela junção dos termos “*web*” e “*economics*”, significando obter lucro econômico com atividades na rede.

Análise lexicográfica do ODLIS

Introdução

O segundo dicionário analisado será o ODLIS (*Online Dictionary for Library and Information Science*), criado por Joan M. Reitz, bibliotecários do Western Connecticut State University, nos Estados Unidos, e equipe. Além de estar disponível digitalmente através do site do *Libraries Unlimited*³, o dicionário também tem uma versão impressa de 2004.

Sobre a história do ODLIS, sabe-se que em 1994 surge o embrião do projeto do dicionário, a partir da confecção de um folheto de quatro páginas impressas e intitulado “Biblioteca Lingo”, ainda em formato de glossário e destinado a estudantes da área, falantes ou não do inglês. Em 1996, o texto foi expandido e convertido para o formato HTML, sendo incluído na rede de bibliotecas universitárias do país como um *Glossário de Terminologia da Biblioteconomia*. No ano seguinte, foram incorporadas outras ferramentas e links de hipertexto, o que possibilitou melhoras na busca e recuperação de palavras. Assim em 1999, várias centenas de termos e definições tinham sido adicionadas, e pareceu conveniente organizar uma versão mais consolidada e próxima dos moldes de um dicionário.

Em fevereiro de 2000, contando com mais de 1800 termos foi denominado como “Dicionário” e indexado no *Yahoo*. Nesse ano, com o auxílio de coautores de diferentes entidades da área de LIS⁴, o dicionário foi ampliado para 2.600 termos. No período de 2002 a 2004, teve ampliação de 4.200 termos, além de incorporar referências cruzadas e se preparar, com uma revisão,

³ O *Libraries Unlimited* é um site de uma editora voltado aos profissionais, estudantes e docentes das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Tem como principal objetivo oferecer material diverso e de alta qualidade para seu público, desde a disponibilização gratuita de comunicações orais e alguns textos técnico-científicos de seu grupo de autores, como a oportunidade dos usuários comprarem materiais impressos de forma online da editora vinculada, a ABC-CLIO. Está disponível no endereço: <http://lu.com/>

⁴ *Library Information Science* é o correspondente de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no Brasil.

para a edição impressa. Assim, ao contrário da maioria dos grandes dicionários, este surgiu primeiro digitalmente, e depois, só em 2004 devido à demanda, publicou sua primeira edição impressa. Atualmente conta com cerca de 4800 termos na versão digital, atualizada em março de 2010.

O ODLIS é concebido como um recurso de referência de hipertexto para profissionais de Biblioteconomia e Ciência da Informação, estudantes, professores, e os usuários dos diferentes tipos de biblioteca. O fato de estar *online* e de ter surgido como um material de apoio permitiu que profissionais e usuários de todo mundo contribuíssem com a sua elaboração, tanto na melhoria da usabilidade do site como na sugestão para novas inserções de termos.

O critério para a inclusão de novos termos está diretamente relacionado ao seu uso em longo prazo. Para Reitz (2004), um novo termo só deve ser adicionado se for provável sua adição permanente ao léxico de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Tal critério pode parecer subjetivo, mas o autor argumenta dizendo que para balizar as inclusões e adaptações tem o auxílio de uma vasta rede colaborativa de bibliotecários, universidades e bibliotecas parceiros do *Libraries Unlimited*, e ainda, de maneira mais informal, através de e-mails e comentários, as opiniões e sugestões de acadêmicos, profissionais e estudantes de todo o mundo, que utilizam o dicionário como referência.

Além dos usuários da área de Biblioteconomia e Ciência da informação, há também participação de pessoas de especialidades afins, como Editoração, Artes Gráficas, Informática, Literatura e História. Dessa forma, notamos um caráter cada vez mais polivalente do dicionário, que segundo os autores, por conta de seu perfil *online* está em constante expansão e desenvolvimento. Além disso, como a área também está se expandindo e dialogando com outras disciplinas, se faz necessária uma contínua revisão e inserção de termos que reflitam tais interfaces interdisciplinares.

Análise da macro e da microestrutura do dicionário

Em relação aos aspectos gerais, notamos que o ODLIS é um dicionário que tem uma abrangência internacional grande, mesmo estando apenas em um idioma, o inglês. Todavia o fato de estar disponível *online*, além da versão impressa, possibilita que pessoas de diferentes lugares do mundo utilizem-no e também colaborem de forma direta ou indireta com seu conteúdo. O caráter temporal abrangido é essencialmente sincrônico, mas há alguns verbetes que trazem marcas temporais ou até técnicas, esboçando assim alguns traços diacrônicos e diatécnicos.

Quanto à macroestrutura, observamos que a ordenação das entradas é semasiológica, podendo ser feita através da busca livre ou pelo índice alfabético. No caso da busca livre, a palavra pode ser recuperada basicamente de duas formas, ou como entrada do verbete, ou como parte do enunciado de uma definição. Além disso, há uma predileção por palavras nominais, porém também aparecem verbos, expressões fraseológicas e siglas. Como exemplos dessas entradas temos:

“**labeling** -The controversial practice of affixing a warning mark or label to library materials (...)”.

“**added title page** -A title page preceding or following the one used by the cataloger as the chief source of information in creating the bibliographic description of an item(...)”.

“**ALHHS**- An association of librarians, archivists, and other specialists actively engaged in the librarianship of the history of the health sciences, dedicated to the exchange of information and to improving standards of service(...)”.

De forma geral, mesmo com a preponderância de entradas de caráter nominal, ora essencialmente substantivos, ora substantivos e adjetivos, notamos que o principal critério de seleção para inserção de uma entrada não seja esse. Como já foi dito anteriormente, o principal fator determinante para a inclusão de termo é seu índice de frequência de uso na área de LIS. Tal frequência de uso é indicada tanto por materiais de referência⁵ usados pelos autores, como pela participação colaborativa de profissionais e não profissionais da área que enviam sugestões e comentários sobre a dinâmica de utilização dos termos na área.

⁵ As principais contribuições, tanto de autores como de instituições na elaboração dos verbetes podem ser vistas na página do dicionário.

Associado ao critério da frequência de uso, os autores optam por incluir também os termos que teriam uma potencialidade de se tornarem permanentes no léxico da área. O que consideraríamos como neologismos, principalmente provenientes das novas interfaces disciplinares, são incorporados ao dicionário, mas sem marcas de sua natureza neológica. Se por um lado se eximem das arestas da discussão neológica, por outro se omitem ao não disponibilizar para um usuário iniciante ou até mediano a informação de que aquele termo ainda não foi incorporado na área.

Quando o significado de um termo varia de acordo com o campo no qual ele é usado. É dada prioridade à definição que se aplica dentro do campo no qual ele é mais associado. No entanto, mesmo incorporando acepções de áreas afins, não se perde de vista que o foco é o domínio da LIS, por isso todas definições que estejam fora de sua grande área são omitidas no dicionário.

A respeito da microestrutura, referente à definição, podemos comentar três aspectos: o acesso, a tipologia das definições e a natureza das acepções. Por estar disponível *online*, o dicionário apresenta mais pontos de acesso que na versão impressa, todavia não há uma grande variabilidade de ferramentas. Basicamente a pesquisa pode ser feita de duas formas: digitando-se o termo, ou como entrada do verbete ou como parte da definição; ou fazendo a busca pela lista alfabética. Além disso, existem algumas remissivas, ou de caráter de equivalência (“see”), ou associativo (“click here to learn more”), e as próprias palavras que compõem a definição, que estão disponíveis em forma de *link*, podendo encaminhar o usuário diretamente para qualquer termo do dicionário. Todavia, recursos com potencial de refinar a busca, como índices inversos ou mesmo construção de campos semânticos, ferramentas presentes em outros dicionários eletrônicos não aparecem aqui. Uma razão possível seja o fato de estar disponível gratuitamente, e tais ferramentas mencionadas acima geralmente estão associadas a versões em CD-ROM, ou assinaturas *online* pagas.

Quanto à tipologia devemos considerar o aspecto da natureza da metalinguagem e a natureza do definido. No primeiro caso há uma preponderância de definições próprias, heteronímicas, em termos mais genéricos e que estabelecem diferentes relações dentro do

dicionário; e sinonímicas, mais comuns em vocábulos de teor mais subjetivo e específico. No segundo encontramos tanto definições enciclopédicas, principalmente nos casos de nomes de autores ou pesquisadores da área, que trazem uma breve biografia, como definições explicativas, presentes nos verbetes de caráter mais funcional.

Sobre o perfil geral das acepções podemos verificar que estão ordenadas sob o ponto de vista sincrônico, já que o critério essencial para inclusão de um verbete é sua frequência de uso. Por isso, dados sobre a evolução de um termo são raros, geralmente aparecendo nos casos de definições enciclopédicas, podendo ou não ter alguma menção à origem etimológica. As relações semânticas são principalmente duas: a de equivalência, geralmente usada no caso de siglas identificadas por “*see*” ou no corpo da definição indicando os sinônimos; e as relações associativas, de diferentes naturezas e que se localizam no final do verbete pelas seguintes expressões: “*click here to learn more*”, quando há alguma conexão temática, que atua como um apêndice para a compreensão geral do verbete ou “*compare with*”, no caso em que há uma relação mais próxima entre os termos, tanto pela sua natureza como pela função que desempenham. E ainda encontram-se algumas aparições da relação hierárquica de gênero e espécie, identificada pela expressão “*see also*”, presente tanto nos termos genéricos como nos termos partitivos.

Em relação às marcas, notamos principalmente as diacrônicas, no caso dos verbetes de caráter enciclopédicos; diatécnicas, quando os termos se referem às áreas ou atividades mais especializadas e algumas menções diatópicas, geralmente presentes em exemplos. Já os exemplos são bem recorrentes, geralmente de natureza mais pragmática como no caso do verbete “Musical”:
“(…)a play or motion picture, usually a comedy, of which singing and dancing are an essential part (examples: *The Music Man* by Meredith Willson and *Singin' in the Rain* directed by Gene Kelly and Stanley Donen) (...)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar que ambas as obras têm importante caráter referencial para a área da Ciência da Informação. Na obra de Cunha e Cavalcanti notamos uma abrangência nacional, relevante principalmente pela carência de materiais lexicográficos na área e por incorporar verbetes

do domínio tecnológico e áreas afins, garantindo maior cobertura da obra. Já o ODLIS, um dos pioneiros no formato digital na área em questão, destaca-se por sua amplitude de verbetes e seu potencial internacional de uso e de colaboradores para sua constante elaboração.

Outra similaridade entre os dicionários é a perspectiva interdisciplinar, tanto na composição da equipe, com maior diversidade no caso do ODLIS, como na incorporação de termos de áreas correlatas, demonstrando assim como necessidade científica premente uma visão interdisciplinar. Dessa forma, observamos que procuram demonstrar uma perspectiva de neutralidade em seus verbetes. Enquanto no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia os autores extraem grande parte das definições de obras de referência da área, eximindo-se de darem apenas uma definição ao usuário; no ODLIS, as definições são de natureza colaborativa, fator facilitado pelo formato digital, assim, mesmo redigidas pelo autor principal, têm suas origens em diferentes coautores espalhados pelo mundo que contribuem formal ou informalmente na elaboração dos verbetes.

A questão do formato é fator essencial nas duas obras. No ODLIS, com acesso gratuito e espaço ilimitado há possibilidade de expansão contínua, contando ainda com ferramentas auxiliares que contribuem com a comunicação dos especialistas e usuários na manutenção da obra. Todavia, no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia o formato impresso restringiu a inclusão de verbetes biográficos e termos equivalentes em francês e espanhol, além de não propiciar as necessárias reformulações daqui a alguns anos, bem como a ampliação do acesso, tanto nacionalmente como internacionalmente.

É claro que devemos lembrar que o ODLIS, mesmo tendo a vantagem de estar disponível *online*, e ter a abrangência internacional que possui, principalmente por estar em inglês, também poderia ser melhorado. Uma primeira questão seria oferecer outras ferramentas de busca a seus usuários, como índices inversos ou mapas conceituais. Além disso, pensar que estamos num mundo globalizado, e que contrário ao que vivíamos há alguns anos, com uma hegemonia exacerbada dos EUA, hoje há o crescimento de outras potências, como a China. Nesse caso, se a pretensão da obra é ser internacional, deveria estar disponível também em outros idiomas, principalmente pelo fato de que é constituída por colaboradores internacionais.

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, por sua vez, é um dos mais importantes materiais lexicográficos da área dos últimos tempos, já que grande parte das obras lexicográficas no Brasil eram glossários e muitas vezes de natureza dispersa, frutos de iniciativas institucionais. No entanto, mesmo ressaltando-se sua importância em nosso contexto nacional, com destaque para a sistematização dos verbetes e incorporação de vocábulos do domínio da Informática, temos que ter em mente que está fadado a tornar-se obsoleto em médio prazo, caso não haja continuadores do projeto do dicionário. Caso estivesse disponível online, por exemplo, seria mais fácil manter atualizado o *corpus*, bem como permitir o acesso a um maior número de pessoas, tanto no Brasil como internacionalmente.

A questão de inserção de novos termos, para ambos os dicionários, tem um princípio comum, a frequência de uso. Enquanto no dicionário brasileiro tal frequência foi “medida” a partir, essencialmente, da experiência de trabalho dos autores, no ODLIS, mesmo tendo o crivo de Reitz, nota-se uma participação bem diversificada de colaboradores, que contribuem de forma bem interativa dizendo o que está ou não em uso na área.

Nesse ponto é interessante lembrar o papel dos neologismos em ambas as obras. No ODLIS, talvez pelo fato do organizador só incluir no dicionário, aquilo, que segundo a comunidade da LIS, realmente foi incorporado na área, observamos que não há menção alguma sobre neologismos. Ao contrário, no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, mesmo de forma tímida e sem grandes explicações, há alguns verbetes que trazem a informação neológica para o usuário. Uma explicação possível para tal ausência ou pouca utilização, seja a falta de profissionais com conhecimento lexicográfico ou que tenham a sensibilidade de verificar a importância de tal informação para o usuário. Além disso, há de se convir que mesmo que o conceito de neologismo seja facilmente perceptível, sua identificação é problemática, tanto pela dificuldade de se encontrar as matrizes lexicográficas de algumas palavras, como garantir a estabilidade de um neologismo se ele é fruto de um dinâmico processo linguístico. (SABLAYROLLES, 2010).

É importante ainda ressaltar que os dicionários analisados são obras lexicográficas, mas de cunho técnico-científico, voltados, portanto, para uma área de especialidade. Dessa forma não

podemos exigir que tivessem toda a composição morfossintática e lexicográfica de um dicionário de língua. Todavia, como qualquer obra dessa natureza é imprescindível que tenham uma sistematização, e que tragam ou na parte pré-textual ou pós-textual explicações sobre sua estrutura e organização. Ambas as obras possuem uma introdução que relata um breve histórico das origens e da elaboração, seguidas de alguns preceitos organizacionais. Das duas, o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia apresenta uma estrutura mais sistemática, observado tanto na disposição e organização interna dos verbetes e definições como na predileção pela definição heteronímica. Já o ODLIS, mesmo também demonstrando certa regularidade na organização dos verbetes, possui definições tanto numa perspectiva dedutiva como indutiva, utilizando também o recurso do hipertexto para fazer remissivas e com isso consegue sintetizar verbetes, expandindo suas noções de qualificação.

Para concluir, notamos que cada dicionário, em sua cobertura e abrangência tem um papel importante na área da Ciência da Informação, contribuindo tanto nas pesquisas de especialistas como no cotidiano de profissionais da área. Contudo, alguns aspectos de sua estrutura e organização poderiam ser repensados à luz das necessidades desses mesmos usuários, incorporando preceitos dos estudos lexicográficos, ainda pouco difundidos na Ciência da Informação. A incorporação de uma visão lexicográfica melhoraria tanto a estruturação e a organização sistemática dos verbetes como a constituição do escopo das definições.

REFERÊNCIAS

AHUMADA LARA, I. Aspectos de lexicografia teórica. Granada, Universidad de Granada: Estudios de Lengua Española, 1989.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 28, (supl.), p.1-26,1984.

_____. **Teoria linguística-teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. (Coleção leitura e crítica).

CAMPOS SOUTO, M.; PÉREZ PASUCAL, J. I. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: MEDINA GUERRA, M. A. **Lexicografia espanhola**. Editorial Ariel: Barcelona, 2003.

CASTILLO CARBALLO, M. A. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, M. A. **Lexicografia espanhola**. Editorial Ariel: Barcelona, 2003.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Brique de Lemos, 2008.

FARIA, E. M. P. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Trama**, v. 3, n.5, 2007.

ISQUIERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. UFMS: Humanitas, 2007.

KRIEGER, M. G. et al. O século xx, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v.50, n.2, p. 173-187, 2006.

MEDINA GUERRA, M. A. **Lexicografia espanhola**. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. São Paulo, SP: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

REITZ, J. **ODLIS**: Online: Dictionary of Library and Information Science. EUA: Libraries Unlimited, 2004. Disponível em: <<http://lu.com/odlis/index.cfm>>. Acesso em: 05 out.10.

SABLAYROLLES, J.-F. Le sentiment neologique. In : Colóquio: os estudos lexicais em diferentes perspectivas, 4., 2010, São Paulo. **Projeto TermNeo**: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo, 2010. (Mini curso-apresentação oral).

Recebido em: 26/11/2010
Publicado em: 31/07/2011